

# LIMITE VINICIUS DE MORAES (1)



Ninguém, dos que foram à pequena reunião na salinha do Serviço de Divulgação da Prefeitura, desconfiava da real força cinematográfica do filme de Mario Peixoto, que no entanto já conta com um passado de doze anos. Doze anos na jovem arte do Cinema, é um passado.

Ninguém. Vi chegarem pessoas bem humoradas, mas sem concentração. Não havia zum-zum. Orson Welles estava às gargalhadas com seu amigo e conselheiro La Guarda. Cinco ou seis das pessoas presentes já conheciam o filme, e estas moitavam. **Limite** é sempre uma surpresa. Já o havia visto duas vezes, e portanto, para mim foi como uma novidade.

O ambiente da sala estava liso como uma superfície de lago. Desde as primeiras imagens, uma vez começada a projeção, coloquei-me ao lado de Orson Welles e o assisti ver o filme durante uns quinze minutos. Depois, levantei-me e andei passeando pela sala, sentando junto de um e de outro, na curiosidade de apreciar as reações de pessoas que, sei, vêem cinema diversamente. E senti formar-se lentamente, como ao mergulhar de uma pedra, essa onda sucessiva de círculos concêntricos, alargando o interesse atmosférico do espetáculo. Depois eu próprio me perdi. **Limite** é um anfiguri que toca os limites da intuição perfeita. Há constantemente a incursão



do Cinema na sucessão. O ritmo ora é largo, em grandes planejamentos, ora vertiginoso sem a menor dispersão, com um mínimo de veículo da imagem. A imagem é a grande força presente, em ritmo interior e de sucessão, criando problemas permanentes na imaginação do espectador. Nunca se viu um filme tão carregado (e eu emprego o termo como ele é usado em eletricidade) de "meaning", de expressão, de coisas para dizer, sem chegar nunca a revelar, deixando sempre tudo no "Limite" da inteligência com a sensibilidade, da loucura com a lógica, da poesia com a coisa em si.

Essa a grande qualidade de **Limite** como Cinema, como super-conhecimento. O filme não dá a menor ponte ao espectador. Arrasta-o a aventura da sua compreensão. E que aventura fascinante! Tive o cuidado de convidar dois ou três leigos completos em matéria de Cinema, dois ou três legítimos representantes do grande público. Sua reação foi a melhor. Não "entenderam" tudo, me disseram, mas ficaram fundamente perturbados

com a capacidade virtual da imagem de falar por si mesma. Garanto como pode-se preparar qualquer público para gostar de **Limite**. É uma questão de persuasão crítica. Há em todo o mundo capacidade de gostar de boa arte, a questão é mostrá-la como tal.

Estou arrumando as coisas de modo a poder dar mais uma pequena exibição de **Limite** antes da grande, a se efetuar proximamente no Metro Passeio, que gentilmente cedeu seu excelente salão de espetáculos para uma projeção como deve ser. Tudo isso será anunciado em tempo. E acho dever de cada um ver **Limite** e falar, bem ou mal do que ele traz de novo ao Cinema Brasileiro. Mesmo porque está em tempo de se começar uma campanha séria pelo bom Cinema no Brasil agora que precisamos trabalhar a nossa cultura para fazer face a não importa que sentimento de horror ou de suspenso para o mundo.

---

(1) Publicado no jornal "A Manhã" por volta de 1941, 1942.